

Dissonâncias e similitudes na práxis de três personagens de ficção

Profa. Dra. Maria Célia Leonel (UNESP)
Prof. Dr. José Antonio Segatto (UNESP)

Resumo:

O objeto do trabalho são três romances brasileiros contemporâneos: Heranças de Silviano Santiago de 2008; Leite derramado de Chico Buarque de 2009 e Eu vos abraço, Milhões de Moacyr Scliar de 2010. O objetivo da pesquisa é levantar e analisar os nexos entre similitudes e diferenças na práxis social dos protagonistas das obras em tela e sua inserção no processo histórico do país conforme representado nas narrativas. Por meio do estudo comparativo dos romances, buscar-se-á verificar os diversos recursos literários operados pelos autores na elaboração de tais correlações.

Palavras-chave: romance contemporâneo, personagem de ficção, práxis social, história, representação

1 Introdução

O tema que nos ocupa é a elaboração da práxis social, relacionada à construção da identidade, em personagens de três romances brasileiros contemporâneos: *Heranças* de Silviano Santiago de 2008, *Leite derramado* de Chico Buarque de 2009 e *Eu vos abraço, Milhões* de Moacyr Scliar de 2010. A questão colocou-se-nos em trabalhos anteriores sobre esses romances em que estavam em pauta, especialmente, a construção de autobiografia de personagens de ficção em *Heranças* e *Eu vos abraço, Milhões* (LEONEL; SEGATTO, 2012a) e a análise do tempo e do espaço em *Leite derramado* (LEONEL; SEGATTO, 2012b). A realização dessas pesquisas mostrou forte vínculo nas escolhas fundamentais dos escritores: o subgênero narrativo da autobiografia de personagem de ficção, a constituição da identidade dessa personagem e a representação de determinadas condições sócio-históricas do Brasil no século XX.

Dadas tais circunstâncias, o objetivo deste trabalho é mostrar a ligação entre a elaboração da práxis social dos protagonistas e a representação de períodos histórico-políticos do país que são relativamente aproximados nos romances em pauta e analisar o modo como é feito tal liame. A comparação dos resultados da análise de cada obra permite a verificação das semelhanças e diferenças nos recursos literários operados pelos autores ao explorarem estes componentes das narrativas: práxis social e representação histórica.

Nos livros selecionados para a pesquisa, temos, como centro, um protagonista-narrador que relata suas experiências de vida no século XX e nos primeiros anos do XXI: Valdo, personagem central de *Eu vos abraço, Milhões*, em Santo Ângelo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre; Walter, de *Heranças*, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro e Eulálio, de *Leite derramado*, também no Rio de Janeiro.

Vejamos a sinopse da vida de cada um. O primeiro, após vivenciar momentos

invulgares, num curto período (1929-31) no Rio de Janeiro, retorna ao sul onde se torna próspero empreendedor no ramo de energia elétrica, tendo existência trivial, sem grandes atribuições. O segundo, tendo contado com uma infância tranquila, torna-se um boa-vida na juventude e, a partir da herança familiar, faz fortuna na construção civil e, depois, no mercado financeiro, experimentando longo período de ventura econômica. O terceiro, nascido em berço esplêndido, descendente de família de empresários, tem infância e adolescência ditosas, mas passa a maior parte da existência no infortúnio e na insignificância.

Guardadas as diferenças, o elemento de afinidade ou analogia entre os três protagonistas-narradores, no presente da narração, embora tendo percursos diversos, é o fato de, além de estarem próximos do final da existência, serem homens brancos de algum modo ligados à burguesia: Valdo, empresário médio, mas estabilizado; Walter, empresário muito rico e Eulálio, descendente de empresários, vive na pobreza, mas supõe participar ainda da burguesia dado o afortunado passado da família.

A análise dessas personagens leva-nos a considerar, ainda, a mesma escolha dos escritores no que diz respeito à construção da identidade – que conduz a determinadas práticas sociais – como uma estrutura psíquica contínua, a despeito de determinadas modificações. Os protagonistas, sobretudo os de Silviano Santiago e Chico Buarque, possuem, de certa maneira, o que se poderia chamar de traços psíquicos centrais e contínuos: a ambição e a falta de escrúpulo em Walter e a debilidade e a ingenuidade em Eulálio que, tanto num como no outro, acentuam-se ao longo do tempo e, em Valdo, a rebeldia da juventude e o desejo de justiça, prematuramente reduzidos. Como se podem notar nos relatos, tais traços centrais do modo de ser ampliam-se em Walter e Eulálio e perdem ímpeto em Valdo, não simplesmente com o passar do tempo, mas pela possibilidade de adensamento ou propensão ao esvaziamento desse cerne que, a nosso ver, provém das condições sociais, políticas e econômicas do país – ou da história da nação – conforme estão representadas nos romances.

2 Identidade e práxis social

Walter Ramalho, de *Heranças*, sujeito obstinado e desprovido de integridade moral, utiliza-se não apenas de métodos ilícitos para ultrapassar os obstáculos contrapostos a seus desígnios, mas até do assassinato da irmã: “Depois que joguei Filinha [a irmã] para escanteio, a ambição não podia se limitar às margens de lucro métrico lineares [a loja de armarinhos herdada do pai].” (SANTIAGO, 2008, p. 134).

Ele mesmo, como narrador, além de contar as contravenções que comete, esparge no livro informações sobre sua personalidade centradas em adjetivos: “Se já não me qualificaram de **cabotino** [...]” (SANTIAGO, 2008, p. 16, grifo nosso); “Nessa [o fato de convencer, por vários meios, até com dinheiro, as diferentes namoradas a fazerem aborto] e alguma outra matéria, não sou definitivamente uma pessoa de bem. Em desespero, posso ter – e tenho tido – raciocínios e atitudes de **canalha**.” (SANTIAGO, 2008, p. 22, grifo nosso). E ainda: “A alavanca do pessimismo [‘sentimental’] não era o excesso de poder e a falta de amor e, sim, o **cinismo juvenil**.” (SANTIAGO, 2008, p. 178, grifo nosso). Ao

narrar o envolvimento com a filha de um “ex-dono de terra mineiro, falido”, diz: “Encontrava terra virgem, onde lavrar minha lábria de conquistador **inveterado e canalha.**” (SANTIAGO, 2008, p. 195, grifo nosso). Em seguida, contando o momento de fazê-la aceitar o aborto, descreve o trio: “Filha encantadora, pai falido e namorado **velhaco.**” (SANTIAGO, 2008, p. 195, grifo nosso).

Naturalmente, ao leitor cabe desconfiar do que diz esse narrador que tanto se deprecia. No entanto, a ascensão na escala socioeconômica, ou econômica e social, de certo modo rápida e, sem dúvida, radical, deve-se ao arguto aproveitamento das mudanças políticas e econômicas no país. Tendo, após o assassinato da irmã na década de 1950, herdado a loja de Armarinhos São José, vende o estabelecimento na década de 1970 e volta-se para a indústria de construção civil e o ramo imobiliário, então em pleno vigor graças à política do **milagre** econômico da ditadura militar. Mais tarde, toma o caminho que se apresenta mais favorável no contexto do país após a ditadura: a especulação no mercado de capitais; multiplica assim a fortuna, vira milionário.

Podemos notar, na síntese da história da personagem, como sua ambição – ou, digamos, a realização dela – foi favorecida e mesmo impulsionada pelas diferentes fases econômicas por que passou o país, conforme sua representação no relato. O ótimo proveito do crescente mercado e das condições proporcionadas pelo regime ditatorial para a indústria de construção civil não é realização de uma personalidade qualquer, ao acaso, mas do desejo premente de ascensão do protagonista. Do mesmo modo, aproveitou a ampliação dos negócios na Bolsa de Valores para atingir ganhos talvez inimagináveis em outro momento de nossa história econômica nesse tipo de atividade.

Walter expressa, em suas memórias, práticas e juízos de valor típicos da camada social à qual ascende: a dos novos-ricos. É provável que seja derivada disso a solidão em que vive na maior parte do tempo, em especial, quando, bastante doente, no final da vida, recorda o passado. A anulação do princípio de dever, “o apagamento das virtudes”, tornaram-no, como dizem Mello e Novaes (2009, p. 102) sobre esse tipo de indivíduo, “[...] uma espécie de homem que passa a vida calculando quantidades de prazer e dor, à procura de níveis mais altos de felicidade pessoal [...]”, dependente da “[...] disciplina mecânica imposta pelo dinheiro.”

O protagonista consegue relacionar-se com moças da **sociedade** de Belo Horizonte, liberando a sexualidade e, ao mesmo tempo, além de participar da burguesia, aproveita delas as lições de “traquejo”. Com esse termo, refere-se não apenas “às boas maneiras e à obediência às regras de etiqueta”, mas, sobretudo, à “[...] capacidade de articular achados e observações interessantes e originais em pensamentos e ideias, que bajulam e conquistam a mente alheia.” (SANTIAGO, 2008, p. 116). Nunca assume, com nenhuma delas, compromisso como casar-se ou ter filho – pelo contrário, relata vários momentos em que as induz ao aborto.

Walter personifica o caso típico do indivíduo que, privado de nobres ideais, tem a existência condicionada pelo dinheiro. O vácuo de valores humanos é preenchido por opções individuais que geram tensões próprias da competição desenfreada e do isolamento.

Para superar a solidão, necessita da sociabilidade, mas manipula o outro para vencer na vida, o que traz implicações várias, entre elas, a de que o cálculo mistura-se ao afeto (KONDER, 2000, p. 93 e p. 29).

O papel do protagonista como narrador leva-nos também a considerar as relações entre a construção da práxis social e o desejo de relatar a vida. Walter, o cabotino (como confiar em suas palavras, ainda que próximo da morte?), diz que é para entender-se que escreve.

Tal informação pode levar o leitor deste trabalho à suposição de que está frente a um novo Paulo Honório a querer compreender os motivos do suicídio da mulher e da solidão no momento em que escreve suas memórias. Porém, a escritura das memórias pelo protagonista de *Heranças*, conforme ele mesmo informa, deriva da necessidade de confrontar-se com o fratricídio que lhe proporcionou o começo da escalada rumo à riqueza. É esse fato que o impele, na velhice e com a proximidade da morte, a narrar a sua vida e a escolher como herdeiro, para a fortuna criminalmente iniciada, o ex-cunhado, pipoqueiro, um tanto corcunda, que ele mesmo afastou da irmã ao assassiná-la. Há, portanto, o desejo de reparação. Embora remorso manifesto não entre em jogo no livro, nota-se certa distância entre o romance de Silviano Santiago e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, visível êmulo do autor. Se ambos os protagonistas vangloriam-se de não ter tido filhos, o de *Heranças* faz algo inesperado relativamente ao perfil acanhado construído ao longo da narração.

Walter Ramalho, ao narrar a própria história, também revela não entender os motivos pelos quais uma ex-namorada, advogada rica, deixou-o fora do testamento ou por que ele se apaixonou por Marta que o usou para não ser presa e o traiu. Paulo Honório questiona seu próprio modo de ser; Walter Ramalho, o dos outros, ou das outras.

Vale ressaltar ainda uma característica fundamental da escrita de Walter que chama mais a atenção ao ser comparada à maneira de Eulálio contar sua vida. Na maior parte do relato, a geografia dos lugares é descrita com precisão, sem nenhum arroubo subjetivo. A indicação dos trajetos da personagem serve mesmo de guia seguro a quem, por ventura, deseja saber como eram os itinerários belo-horizontinos na época em pauta. No entanto, ao pressentir o final da vida, frente ao tribunal particular, já que burlara o da justiça, o *modus operandi* muda um pouco e a visão do mar traz laivos de subjetividade (SANTIAGO, 2008, p. 107-108). É como se, no momento de relatar o desejo e o ato de reparação, certo relaxamento da tenacidade permitisse o emergir da interioridade. Se o fato de narrar a vida tem o intuito de expiar a culpa pelo fratricídio, não parece que isso o incomodou muito enquanto, obstinadamente, realizava a vontade de enriquecer a qualquer preço.

Eulálio, narrador-protagonista centenário de *Leite derramado*, originário de família da fina-flor da elite brasileira do Império e da Primeira República, apresenta como traço central de seu modo de ser a falta de energia acompanhada de ingenuidade. Tais características contrastam vivamente, de um lado, com as de seus antepassados e, de outro, com as do protagonista de *Heranças*. Seu percurso existencial e o da família – da riqueza e

da ostentação à pobreza –, por ele reconstituído, compõe a saga dos Assumpção. A ascensão faz-se por meio do ativismo dos antecedentes e a decadência por meio da inépcia do protagonista; nas duas direções, crescente e decrescente, os acontecimentos são incrementados ou possibilitados pela junção entre o modo de ser das personagens – e, conseqüentemente, de sua práxis social – e as diferentes condições sócio-históricas nacionais. Cada antepassado, representante de uma determinada geração, liga-se ao poder, conforme o regime político e os ares da economia. O trisavô teria chegado ao Brasil com a família real (1808) como “confidente de dona Maria Louca” (BUARQUE, 2009, p. 50). O bisavô fez fortuna como traficante de escravos e recebeu, de D. Pedro I, o título de barão dos Arcos. Já o avô, “figurante do Império”, salientou-se como abolicionista, foi “comensal” de Pedro II, “possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo” (BUARQUE, 2009, p. 15), multiplicou a riqueza familiar. Em novos tempos, o pai foi “um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes” (BUARQUE, 2009, p. 52). Influente nos círculos de poder, comerciava café, mantinha negócios escusos com empresas de armas francesas.

O assassinato do pai marca o fim da linha ascendente da família e é também o início da decadência. Os negócios passam a enfrentar todo tipo de adversidade; a crise, desencadeada com a queda da bolsa de Nova York em 1929, não só interrompeu as exportações de café como aniquilou quase toda a fortuna da família.

Não obstante manter ilusões de que o nome e o *status* familiar anterior seriam suficientes para a manutenção de privilégios, Eulálio, aos poucos, toma consciência da nova situação em que as antigas influências se esvaíam. O curso do depauperamento é, a partir desses anos, progressivo e o patrimônio, sem meios de reprodução, vai-se acabando. A adversidade da família é linear e gradativa: os descendentes – filha, neto, bisneto – são, em geral, estéreis, ociosos, parasitas. O tataraneto é ativo traficante de entorpecentes.

Do palacete em Botafogo e do chalé em Copacabana, passando pelo apartamento exíguo na Tijuca, a personagem termina os dias numa casa de um só cômodo na periferia, de acordo com o que conta. Riqueza, poder, privilégios, luxo são ou deveriam ser reminiscências remotas. Todavia, apesar de ser o fim da linha nobre dos Assumpção, Eulálio não perde a pose de classe que o identifica. Mesmo arruinado, procura, todo o tempo, demarcar sua superioridade face aos subalternos por meio da reafirmação, no comportamento, de valores culturais que seriam garantia da manutenção e reprodução de privilégios classistas.

Isso fica evidenciado no relacionamento com os empregados – enquanto, bem ou mal, podia manter o *status* de patrão –, tratados com menosprezo, especialmente quando negros ou mestiços. O mesmo tipo de tratamento era reservado a outros profissionais que considerava subalternos. Relaciona-se com eles com ar senhorial – o que provoca situações cômicas – como se devessem permanecer na condição de subserviência, pois, para ele, nasceram para servir os mais abastados ou favorecidos. Trata-se, de fato, de uma práxis social que busca – ou supõe – perpetuar determinados padrões de relações do passado escravocrata que acabaram fazendo parte da constituição da identidade da burguesia

brasileira. O protagonista externa conduta típica de setores decadentes da elite, que procuram manter privilégios e prestígio social, alicerçados no poder econômico e político de um passado bem-aventurado.

Mesmo que esses valores e formas de prática social sejam aparentes, eles tiveram, ao longo do tempo e em determinados espaços sociais, a função precípua de distinguir castas e estamentos, classes e camadas sociais e conferir condição de superioridade a grupos, famílias e indivíduos, visando manter certos elementos de distinção, prerrogativas e vantagens.

A par do itinerário descendente da vida familiar, o protagonista narra o casamento precoce com Matilde, adolescente voluptuosa, mulata e filha bastarda de um deputado correligionário de seu pai. O casamento – de curta duração, ensombrecido pelas diferenças de classe e os ciúmes doentios do protagonista – acaba com o inexplicável desaparecimento da jovem esposa.

A história de Eulálio, apresentada aos leitores aos trancos e barrancos, mostra o marido abandonado pela mulher que passa o resto da vida martirizado, sem conseguir entender o que aconteceu. Centenário, confinado no hospital, elabora sua autobiografia, contando – às vezes para a(s) enfermeira(s), às vezes para a filha ou até para o médico ou para si mesmo – os acontecimentos de sua vida. Fazendo a autobiografia, constrói sua práxis social por meio do relato do passado que caminha num vaivém de incongruências, anacronias, repetições. Os motivos para o desaparecimento de Matilde variam muitíssimo conforme diferentes passagens do romance. É exatamente o oposto da escrita que se quer ordenada, objetiva e clara de Walter Ramalho. A maneira de compor as respectivas autobiografias imitam o modo de ser dos dois protagonistas, opondo-se o cálculo e a inépcia.

Valdo, a personagem central do livro de Moacyr Scliar, de origem modesta, filho de capataz de estância, passa a adolescência revoltado com a postura do pai, humilhado pelo padrão tirânico e cruel. Sua vida sofre reviravolta quando, casualmente, em fins da década de vinte do século passado, conhece Geninho – filho de sua professora –, comunista que se torna seu guia ideológico. A revolta com a condição do pai é aumentada com as orientações do militante do Partido Comunista Brasileiro e com a leitura do Manifesto do Partido.

A pedido do amigo Geninho – perto da morte prematura dele – Valdo vai para o Rio de Janeiro à procura do dirigente comunista Astrojildo Pereira para que este o transforme em quadro político do PCB e dirigente do proletariado na revolução socialista. Viaja num vagão de carga, presumindo um destino revolucionário. No vagão, conhece a jovem Chica com quem se inicia na vida sexual e por quem se apaixona perdidamente. Supõe que, no Rio de Janeiro, invadiria o palácio do Catete e levaria ao triunfo o comunismo no Brasil.

Já na capital da República, vive uma série de aventuras e desventuras. Faz contato com o PCB, mas não ingressa em suas fileiras e tampouco consegue aproximação com o

líder comunista que estava em Moscou. Enquanto espera por sua volta, trabalha nas obras de construção do Cristo Redentor, tornando-se, por ironia, agente partícipe do grandioso monumento de devoção da Igreja Católica, justamente ele que se julgava ateu e para quem a religião era o “ópio do povo”.

Quando recebe a notícia do regresso de Astrojildo Pereira, além de não conseguir estabelecer o tão esperado contato, é informado de que o líder caíra em desgraça e fora afastado da direção do Partido. Fica ainda mais desapontado ao saber que o grande homem, que imaginava como Stalin, estava escrevendo artigos de crítica literária para a “imprensa burguesa”, principalmente sobre o reacionário Machado de Assis. Além disso, o que era pior, tornara-se vendedor de bananas para sobreviver (SCLIAR, 2010, p. 222-224).

Para agravar ainda mais as adversidades de Valdo, ele é atropelado, permanecendo por longo tempo inativo num hospital para indigentes. Desencantado com o comunismo – a que, de fato, nunca se ligou – muda-se para Porto Alegre, onde se casa com Chica e, passando a dedicar-se ao ofício que aprendera no Rio de Janeiro, o de eletricitista, chega a empresário bem sucedido: “Abri uma empresa que cresceu muito, ganhei dinheiro. Não enriqueci, mas sempre tive o suficiente para viver bem.” (SCLIAR, 2010, p. 243).

Com a desilusão, perde o gosto pela política e vê diminuído o desejo de evitar as iniquidades sociais – “Acompanhava a luta dos comunistas pelos jornais.” (SCLIAR, 2010, p. 246). De vez em quando, colabora com algum político ou partido, porém, “[...] por puro interesse: negócio é negócio. Eu queria estar bem com o governo, de esquerda, de direita, de centro; prestava serviços para órgãos públicos, precisava daquilo para ir tocando a empresa.” (SCLIAR, 2010, p. 247).

Embora desencantado – “tenho mais saudades do que rancores” (SCLIAR, 2010, p. 246) – não se considera um anticomunista ressentido ou um renegado, pelo contrário, mantém na memória boas lembranças “[...] da visão dos comunistas que me animava, a visão de um mundo justo, igualitário.” (SCLIAR, 2010, p. 246).

A atitude resignada é acompanhada de palavras e práticas contaminadas pelo clientelismo e pelo fisiologismo – apoio a qualquer governo, seja quais forem suas concepções e ações, troca de favores com políticos e/ou governantes, para conseguir compensações. Portanto, ao mesmo tempo que preserva vaga saudade do projeto igualitário, reproduz, em sua práxis, o que há de mais perverso na cultura política brasileira.

A autobiografia de Valdo – que permite a reconstrução de sua prática social – chega ao leitor com o propósito de ser uma carta, rememorando suas experiências, em resposta a pedido do neto norte-americano. Menciona os problemas físicos que o afligem no momento da escritura da autobiografia: “Poderia ser mais feliz, se não tivesse essas dores pelo corpo, se escutasse melhor, se enxergasse melhor... se urinasse melhor já seria uma coisa muito boa.” (SCLIAR, 2010, p. 10).

De todo modo, na construção um tanto precária – no que diz respeito à identidade

psicoideológica e à prática social – do protagonista em *Eu vos abraço, Milhões*, na parte que importa da vida da personagem, há o que Agnes Heller (1983, p. 93, grifo do autor), em “Experiência cotidiana e filosofia” de *A filosofia radical*, chama de “valores-guia morais” – coragem, honestidade, justiça e amizade. Nas personagens centrais dos dois livros anteriormente analisados, esses mesmos valores estão em jogo, mas, pelo avesso.

3 Práxis social e contexto: semelhanças e diferenças

No que se refere às semelhanças, os três livros analisados, além de empregarem o mesmo procedimento narrativo – autobiografia de personagem de ficção – apresentam, como protagonistas-narradores, homens com bastante experiência de vida, idosos e doentes, não muito distantes do leito da morte.

Se os narradores dos romances que analisamos possuem ou deveriam possuir – como os narradores machadianos, D. Casmurro e Brás Cubas: um, na velhice; o outro, depois da morte – a autoridade própria de doentes terminais, não há nada em comum entre eles e os narradores prezados por Walter Benjamin (1985) no que se refere à possibilidade de transmissão de conhecimento, pois os protagonistas machadianos e aqueles aqui analisados são típicos narradores de romance e não de narrativa oral, em que cabem conselhos e ensinamentos derivados da experiência. O que temos em Machado de Assis e nos romancistas contemporâneos em pauta é o ensejo de apresentarem-se narradores que não têm nada a perder por estarem no final da vida – ou depois dela –, podendo o leitor, teoricamente, contar com a autenticidade da identidade e da práxis social que constroem. Certamente, o leitor precavido, apesar disso, trata de não confiar de forma plena no que lê, em especial no que dizem Eulálio – dada a ingenuidade e a fragilidade, o vaivém e as contradições do relato – e Walter que, a despeito do cinismo e da canalhice com que age, quer, com a escrita de sua vida e a exposição de sua atitude, ter alguma diminuição na responsabilidade pelo crime cometido.

Temos, portanto, como semelhança, o fato de os três romances serem autobiografia de personagens de ficção, que detêm a condição de moribundos e alguma autoridade que lhes é própria.

Também, como típicos narradores de romance, os sujeitos dos livros de que tratamos vivenciam a higienização da morte mencionada por Benjamin (1985, p. 207), que afasta a possibilidade de a voz de autoridade ser ouvida por muitos. Valdo encontra-se numa casa para idosos. Walter, ainda que esteja vivendo no “quarto dos últimos anos, deitado na cama” (SANTIAGO, 2008, p. 359) do próprio apartamento, sua morte não provocará nenhuma movimentação familiar ou social. Não mantém relações com parentes nem com amigos e cuidara já de pagar a funerária para encaixotar-lhe o corpo, para ter a cova e para o enterro no cemitério de São João Batista.

O centenário Eulálio também está num hospital. Embora o local seja por ele considerado “infecto”, tal espaço pode permitir a morte longe dos poucos parentes que lhe restam e dos olhares dos vizinhos do cômodo em que afirma estar vivendo.

Já no que se refere às histórias, as autobiografias são dessemelhantes e cada um dos três escritores fixa-se em diferentes passagens da vida do protagonista. Valdo rememora um momento do passado em que tinha esperança de criação de uma sociedade liberta de injustiças; Walter evoca experiências e atos relativos, sobretudo, à conquista de ascensão e destaca o valor da ordem que reproduz as diferenças sociais. Já as memórias de Eulálio, naturalmente também governadas pelo passado, prendem-se à nostalgia de um tempo progresso e sem volta.

Um ponto de convergência entre as três narrativas é, não apenas a presença clara de diferenças sociais, mas o fato de que tais diferenças constituem aspecto fundamental dos romances, tenha sido ou não tal condição intenção precípua dos autores. A família de Walter Ramalho pertencia às camadas médias, mas ele ascende bastante econômica e socialmente. A de Eulálio fazia parte da alta burguesia, mas, na maturidade, ou mesmo antes disso, ele é aliado dela. É contra a burguesia que Valdo se revolta ao ver o pai humilhado pelo dono da fazenda; porém, posteriormente, torna-se um tipo de burguês. Assim, é possível considerar que, de certo modo, o centro das histórias é a burguesia: os efeitos danosos da queda da família de Eulálio dessa classe social; o desejo de a ela pertencer, movendo Walter Ramalho ao opróbrio; e o desejo de evitar as diferenças sociais, mobilizador da aventura de juventude de Valdo.

São, portanto, construídos três protagonistas que representam tipos humanos distintos, mas cuja elaboração mostra o que diz Stuart Hall (2006) em conhecido estudo sobre identidade: de acordo com a concepção de identidade derivada do pensamento psicanalítico, ela não é inata, forma-se com o tempo. Além disso, tomando-se a definição de sujeito de John Locke (apud HALL, 2006, p. 7), como tendo a “mesmidade (*sameness*) de um ser racional”, podemos considerar que tanto Walter Ramalho quanto Eulálio mantêm o traço essencial que os identifica: a ambição desmedida de um e a fraqueza de outro. No meio deles, temos Valdo que, pode-se dizer, tem propensão para a ação e para o desejo de justiça e que, mesmo vendo seu sonho de igualdade social fracassar, considera o momento em que procurou efetivar esse ideal como o mais significativo de sua vida.

No caso de Eulálio, cabe lembrar a semelhança com D. Casmurro, pois, tanto Matilde quanto Capitu são construídas pelos maridos como mulheres fortes e extrovertidas, em visível contraste com o recato e a pouca virilidade dos protagonistas, sem falar do principal: os ciúmes de ambos em relação às respectivas esposas. Destaque-se ainda a personalidade decidida das mães dessas duas personagens – Bento Santiago e Eulálio – que funcionam como incremento à debilidade dos filhos.

Walter, por sua vez, tem como par Paulo Honório e, de certa forma, também João Romão, que, em consonância com *O cortiço* – livro de tese que lhe dá abrigo – tende à configuração caricatural. O traço peculiar que os identifica, a ambição, leva-os à realização da vontade pela práxis social, possibilitada pelas circunstâncias oferecidas pelo contexto social e histórico reconstruídos nos respectivos romances. No caso de *O cortiço*, é o início da modernização socioeconômica do Rio de Janeiro que permite ao português explorar trabalhadores braçais. O surto de capitalismo vivido pelo país alavanca o desejo de Paulo

Honório de ser latifundiário, do mesmo modo que a crise advinda com a revolução de 30 – para aqueles que pertenciam a posições políticas opostas aos vencedores – contribui fortemente para a derrocada econômica que acompanha a desintegração do dinamismo pessoal provocada pelo suicídio da mulher.

Em Paulo Honório, a incapacidade de perceber o outro e de respeitá-lo, a cegueira social e conjugal, é claramente atribuída à rudeza da vida “agreste”, o que pode ser creditado ao fato de ser filho abandonado e de ter tido uma infância bastante precária. Apesar disso, como mostra Antonio Candido (1969) com a lucidez de sempre, em “Ficção e confissão”, na construção da identidade de Paulo Honório, centrada no monólito da ambição – configurada no desejo de ascensão por meio da posse de São Bernardo –, são apontadas fissuras, como o fato de apaixonar-se por Madalena e realizar um casamento por amor. Tal constituição identitária, que contém brechas como essas, permite-lhe, após o suicídio da mulher, a conscientização de seu modo de ser, da precariedade de sua vida afetiva e de suas práticas sociais e ensaja-lhe o autoconhecimento, assegurando assim a coerência do romance.

Na elaboração da identidade de Walter Ramalho, de um lado, não se anuncia qualquer tipo de trauma infantil, a despeito da morte prematura da mãe; pelo contrário, contou com um pai extremamente dedicado. De outro lado, o protagonista de *Heranças* aproxima-se de João Romão pelo assassinato cometido, mas, perto da morte, tenta reparar o crime deixando a herança para o ex-namorado da irmã.

A maneira de cada um apresentar sua autobiografia é espelho de seus traços identitários e de sua prática social: o protagonista de *Heranças* traz informações claras e ordenadas e faz questão de ressaltar, várias vezes, que escreve no computador. Isso quer dizer que narra da mesma maneira como ascende: com premeditação, tenacidade e ordem. Além disso, trata-se de personagem incapaz de construir laços pessoais verdadeiros, de forma que a impessoalidade do computador e a escrita sem destinatário diegético casam-se muito bem com seu modo de ser.

Eulálio narra episódios de sua vida e de sua família de forma atabalhoada, fragmentária, sem ordem cronológica e, principalmente, desdizendo-se em algumas passagens, o que condiz com sua ingenuidade e incapacidade de percepção clara de si mesmo e do que ocorre a sua volta. Já a autobiografia de Valdo espelha o sonho interrompido, parte fundamental da identidade na juventude – que quase desaparece, mas não acaba – ao acompanhar a condição do subgênero em que pretende ser escrita: mais enxuta, como se espera de uma carta em comparação com um romance, e em ordem cronológica, sem muitos rodeios.

Conclusões

Interessa-nos, como supomos ter demonstrado, a inter-relação entre as práticas sociais das personagens e o contexto histórico e social construído nos romances. Em primeiro lugar, vale notar que a vida sócio-histórica do país recriada nas narrativas são relativamente próximas no tempo e, num certo sentido, ocorrem em um mesmo espaço – o Rio de Janeiro. A decadência da família de Eulálio e sua própria derrocada iniciam-se nos

anos trinta, quando Valdo decide ir à capital da República para tornar-se um quadro do PCB e livrar o país das desigualdades sociais e das humilhações daí decorrentes. Nessa época, o pai de Walter Ferreira Ramalho estabelece a loja de armarinhos em Belo Horizonte, origem da futura empresa de construção civil do filho que, tendo posteriormente enriquecido muito, passa os últimos anos no Rio de Janeiro.

O mais importante, todavia, é como se dá a relação entre tais condições sócio-históricas e a prática social das personagens. Walter aproveita todas as mudanças na vida econômica brasileira, como as facilidades para a construção civil e a atividade imobiliária durante a ditadura, para realizar o desejo de ascensão, derivado do traço de identidade básico: a ambição.

Valdo – que tem um ideal como norte – é despertado para a realização de seus sonhos de mitigar a profunda desigualdade social pelas possibilidades oferecidas pela crescente (ainda que clandestina) atividade do PCB nos anos 30 do século passado. As muitas dificuldades de acesso ao grande líder do Partido não o fazem desanimar; é o fato de Astrojildo não mais pertencer à cúpula do partido que o decepciona.

Eulálio, incapaz, ingênuo e frágil, não consegue evitar para si próprio e para a família o começo da decadência – finais dos anos 1920, início dos anos 30, com o *crack* da bolsa de Nova York, dificuldades para a exportação do café e mudanças no governo – que será, no futuro, total.

Temos, portanto, pelo exposto, três tipos humanos representados por três personagens, construídos por meio de uma figuração literária que os coloca em determinada representação da vida do país, em que se veem compelidos a estabelecer certas relações sociais. O vínculo entre a prática social desses protagonistas e a recriação do contexto sócio-histórico suscita algumas questões para a reflexão do leitor, principalmente, a dos nexos entre concepções de mundo, valores éticos, culturais e comportamentais – enfim a práxis social proveniente de traços identitários – e as circunstâncias políticas, sociais e econômicas.

Referências Bibliográficas

- 1] BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet e prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. (Obras escolhidas, 1).
- 2] BUARQUE, C. **Leite derramado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- 3] CANDIDO, A. Ficção e confissão. In: _____. RAMOS, G. **São Bernardo.** 10. ed. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Martins, 1969. p. 9-59.
- 4] HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- 5] HELLER, A. Experiência cotidiana e filosofia. In: _____. **A filosofia radical.**

- Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 57-110.
- 6] KONDER, L. **Os sofrimentos do “homem burguês”**. São Paulo: SENAC, 2000.
- 7] LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. Autobiografia de personagem de ficção. In: _____. **Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2012a. p. 143-163.
- 8] LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. Refiguração do tempo histórico pela ficção. In: _____. **Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2012b. p. 125-142.
- 9] MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP; Campinas: FACAMP, 2009.
- 10] SANTIAGO, S. **Heranças: romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- 11] SCLIAR, M. **Eu vos abraço, Milhões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.